

Sem-teto ocupa bosque do Ibama

Cerca de 600 famílias invadiram área na Vila Areal destinada a projeto ecológico

Luiza Damé

Aproximadamente 600 famílias do Movimento dos Sem-Teto de Taguatinga invadiram, a partir das 18h30 de ontem, a área da Vila Areal onde será implantado o Bosque do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), para recreação da comunidade local. Os invasores alegam que esperam uma solução do governo durante 11 meses. O presidente da Shis, Néelson Tadeu Filippelli, reafirmou que o compromisso do governador Joaquim Roriz é atender a todos os inscritos no Programa de Assentamento. "A demanda é alta e a produção de lote semi-urbanizado necessita de tempo, por isso é impossível atender a todos num curto espaço de tempo", explicou. Filippelli alertou que invadir não é solução. "Pelo contrário, pode dificultar ainda mais, inclusive com a perda da inscrição".

"Ontem, foi o último prazo para que o GDF nos apresentasse uma solução", afirmou Marcos Landa, um dos coordenadores do movimento. Desde às 10h30 de ontem, as famílias estavam mobilizadas, tentando uma audiência com Roriz, no Palácio do Buriti. No final da tarde — conforme relato dos líderes do movimento —, foram informados que o governador se encontrava na residência oficial de Águas Claras, reunido com secretários. Contactado, Roriz solicitou que eles aguardassem até a próxima semana, quando seria marcada a audiência.

Assembléia

Segundo Landa, a decisão de não aguardar foi decidida pelo sem-teto. "Nós fizemos uma assembléia e ficou acertado que não daríamos mais nenhum prazo e ocuparíamos a área", explicou. Acompanhando os manifestantes, o deputado distrital Eurípedes Camargo (PT) disse que não é a favor das invasões. No entanto, ressaltou que "se essa foi a forma encontrada pela comunidade para resolver o seu problema de moradia, eles têm o meu apoio".

Já o deputado distrital José Edmar Cordeiro (PTR) estava no local tentando persuadir os invasores a reverterem a situação. "Eles já esperaram por onze meses, o que custa aguardar mais uma semana", argumentou José Edmar, classificando de precipitada a decisão dos sem-teto. Ele disse que naquela área, os invasores não poderiam ficar, pois o terreno foi destinado à implantação de um bosque. "Isso aqui é uma ribanceira e não tem como fazer o assentamento", justificou o deputado, acrescentando que existem outras áreas que poderiam ser usadas. "A Cidade Estrutural", exemplificou. Essa citação, entretanto, não agradou aos sem-teto que imediatamente contestaram o parlamentar, destacando que a Estrutural é "para ricos". O projeto de criação da cidade é de José Edmar.



Homens e crianças começaram a demarcar na noite de ontem seus lotes na área da Vila Areal onde será implantado um bosque

Invasores já enfrentam fome e frio

Os sem-teto que invadiram a área do Areal não se intimidaram com o vento frio que atingia o cerrado ontem à noite. Eles imediatamente trataram de fazer uma fogueira para enfrentar o rigor da madrugada e alguns mais entusiasmados já começavam a demarcar os lotes, usando paus e tiras de lençóis. Uma hora após a ocupação, o clima no local era de absoluta tranquilidade — quebrada apenas pelas conversas entre as comadres, indecisas sobre o local onde passariam a noite. O deputado José Edmar Cordeiro (PTR) garantiu que ficaria na ocupação para evitar qualquer incidente com policiais,

que ainda não haviam chegado.

A imensidão do cerrado e a escuridão da noite contribuíam para ocultar os invasores no interior da área. Apesar do frio, muitos se preparavam para passar a noite ao relento, sem muito agasalho ou qualquer proteção. "O importante é garantir um lote", afirmou a dona-de-casa Paulina Moreira da Silva, três filhos, que paga Cr\$ 60 mil de aluguel em um barraco em Taguatinga. "Eu tenho que pagar meio milhão de água. Não tenho dinheiro, por isso estou aqui enfrentando essa barra", completou.

Fome
A presidente do Clube de Mães

do Areal, Maria Caetano Vasconcelos, uma das líderes do Movimento dos Sem-Teto de Taguatinga, disse que hoje serão demarcados os lotes, organizadas a creche e a cozinha comunitária da ocupação. A intenção é demarcar lotes de oito metros por 16 metros. "Aqui devem caber de quatro a cinco mil lotes desse tamanho", disse dona Maria, como é chamada pelos invasores. Como muitas pessoas reclamavam de fome ou tinham crianças pequenas nos braços, ela liberou quem quisesse voltar para casa. "Mas amanhã bem cedinho todos têm de estar aqui", ressaltava,

desentusiasmando os sem-teto, arredarem o pé da ocupação.

Enquanto discutia com as suas companheiras se voltava para casa ou ficava na invasão, a dona-de-casa Odite Brito das Pedras informou que mora em um barraco de fundos em Ceilândia, pagando Cr\$ 50 mil de aluguel. "Acontece que os donos querem derrubar para fazerem outras coisas no lugar", contou Odite, reclamando da fome e do frio. Ela tem três filhos e o marido é faxineiro, recebendo um salário mínimo por mês. "Se eu não ficar aqui, não tenho onde morar", justificou.